

ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES NO MUNICÍPIO DE CAMBARÁ, PARANÁ, BRASIL

SEXUAL ORIENTATION FOR ADOLESCENTS IN THE CITY OF CAMBARÁ, PARANÁ STATE, BRAZIL

¹BERTOLI, A. C. P.; ²SUTER, T. M. C.

¹. Discente do Curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

². Docente do Curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

RESUMO

A abordagem sobre a sexualidade na adolescência diz respeito ao fato de se considerar que a sexualidade é um instinto muito forte e o adolescente precisa ser conscientizado na hora certa e de maneira correta para aprender a lidar com a sua sexualidade de forma responsável. É objetivo desse estudo identificar a fonte de orientação sexual de adolescentes entre 12 a 17 anos, do ensino público e do ensino privado, buscando saber com quem os adolescentes preferem tirar suas dúvidas sobre sexo e verificando se há diferença na fonte de orientação entre adolescentes de escola particular e de escola estadual. O método eleito para o estudo foi a realização de pesquisas bibliográficas e entrevista estruturada, com o intuito de reunir informações sobre orientação sexual para adolescentes. Assim, esta pesquisa tem caráter exploratório – descritiva, com característica qualitativa. Foram questionados quanto à fonte de orientação sexual adolescentes de 12 a 17 anos de escolas públicas e privadas do município de Cambará – PR. Os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória, num total de 10 participantes por faixa etária sendo 5 de cada sexo, pertencentes ao Ensino público e privado, perfazendo o total de 140 participantes. Os dados coletados sofreram tratamento estatístico. Quanto aos resultados, a maior fonte de informação dos participantes das escolas particulares foi a própria escola com 33% e a Internet com 35% para os participantes das escolas estaduais. As demais fontes de informação se dividiram entre, pais, amigos, TV, jornais, revistas. Os dados mostram que os adolescentes precisam de uma orientação sexual direcionada às suas reais dúvidas e questionamentos pois de acordo com as respostas variadas percebeu-se que não estão sendo orientados de forma adequada e buscam então diversas fontes para satisfazerem suas curiosidades que nem sempre podem ser consideradas eficientes.

Palavras-chave: Orientação sexual; Adolescentes; Sexualidade.

ABSTRACT

The boarding on the sexuality in the adolescence says respect to the fact of if considering that the sexuality is a very strong instinct and the necessary adolescent to be acquired knowledge in the alias process and in correct way to learn to deal with its sexuality of responsible form. He is objective of this study to identify the source of sexual orientation of adolescents between 12 the 18 years, of public education and of private education, searching to know with who the adolescents they prefer to take off its you doubt on sex and verifying if it has difference in the source of orientation between boys and girls. The elect method for the study was the accomplishment of bibliographical research and structuralized interview, with intention to congregate information on sexual orientation for adolescents. Thus, this research has exploring character - descriptive, with qualitative characteristic. The 18 years of public and private schools in the city of Cambará - PR had been questioned how much to the source of sexual orientation adolescent of 12. The interviewed ones had been chosen of random form, in a total of 10 participants for aged band being 5 of each sex, pertaining to public and private

Learning, totaling of 140 participants. How much to the results, the biggest source of information of the participants of the particular schools was the proper school with 33% and the Internet with 35% for the participants of the state schools. The too much sources of information if had divided between, parents, friends, TV, periodicals, reviewed. Data show that the adolescents need a directed sexual orientation to its real doubts and questionings therefore in accordance with the varied answers perceived that they are not being guided of adequate form and they search then diverse sources to satisfy its curiosities that nor always can be considered efficient.

Keywords: Sexual orientation; Adolescents; Sexuality.

INTRODUÇÃO

Para falar sobre sexo na adolescência é importante considerar que a sexualidade é um instinto que exerce poder sobre o corpo e se não for o adolescente orientado sexualmente desde cedo sobre as formas de lidar com esse impulso, se o processo de conscientização não for iniciado na hora certa e de maneira correta, a sensibilidade da juventude em parceria com as inconsiderações inerentes à idade possibilitam que o exercício da sexualidade seja praticado de forma irresponsável (BRASIL/PCN, 1997).

Mas é difícil não se deparar no cotidiano familiar, escolar, até mesmo no cotidiano adolescente, com o preconceito ao se falar da sexualidade, pois é muito forte a impressão entre pais, educadores e até mesmo na sociedade de que se o adolescente não ouvir falar sobre sexo ela ficará preservada sobre essas questões e não vivenciará precocemente essa experiência.

O adolescente passa a vivenciar uma etapa entre a infância e a fase adulta e apesar dessa fase intermediária fazer parte do desenvolvimento humano é um período conturbado, onde transformações corporais, hormonais e até comportamentais ficam evidentes. Nos meninos começam a aparecer os pêlos pubianos, a voz engrossa, o pênis e os testículos crescem, surge a proeminência laríngea adão e a primeira ejaculação. Nas meninas, a primeira menarca, desenvolvimento das glândulas mamárias, aparecimento dos pêlos na região pubiana e axilas e crescimento da região da bacia. É quando órgãos sexuais ficam preparados para a reprodução. Os adolescentes podem denunciar sinais de tristeza, preguiça, agitação, felicidade e, o humor fica comprometido (OMS – Organização Mundial da Saúde).

Segundo ainda a Organização Mundial da Saúde, esse período vivenciado pelo adolescente não pode ser definido com exatidão em sua faixa etária, é um

período que varia muito de pessoa para pessoa. O que pode ser considerado é que, na maioria das pessoas, a adolescência ocorre entre os 10 e 20 anos de idade.

A discussão sobre sexualidade no dia a dia fica, de modo geral, sem conclusão, é difícil se deparar com um conhecimento específico ou com um diálogo travado de forma hábil, pois deve-se considerar que o próprio profissional incumbido da tarefa, ou outra pessoa qualquer que tente fazer esse papel de orientador, pode ter de lidar com os próprios preconceitos e crenças a respeito da sua sexualidade. Então fica difícil a escola educar nesse sentido, pois a Educação de acordo com a Lei 9394/96: Art. 1º significa: “Processo formativo que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Isso reforça o pensamento de que a escola é lugar de interação, de possibilidades de diálogo, e de discussão de práticas sociais sim, mas certas abordagens dependem de relações de afetividade, de confiança e isso só acontece no âmbito familiar, mas como não é uma realidade vivenciada por todos, percebe-se que existe a necessidade buscar profissionais da saúde até mesmo para um direcionamento especial aos pais, pois existem preconceitos na hora de abordar sobre sexualidade.

É importante entender que a educação sexual, ainda que amparada nos melhores princípios e por métodos seguros e responsáveis, não garante que o comportamento do adolescente será exemplar; mister se faz considerar que o profissional de enfermagem dá orientações, porém princípios morais vêm do seu convívio familiar e social.

A motivação para a realização deste trabalho surgiu pelo fato de que a orientação sexual é um assunto de grande importância para a sociedade atualmente tendo em vista que o adolescente recebe muitas informações, mas se não tiver orientação sexual adequada e suas dúvidas esclarecidas poderá ter problemas na vida futura.

As informações que os adolescentes recebem são muitas e esta pesquisa aborda aspectos como:

- Com quem os adolescentes recebem informações e orientações sobre sexo;
- Com quem eles gostam de falar sobre o assunto;

As hipóteses prováveis para problemas sobre a fonte desta orientação são que:

- A fonte que estão recebendo orientação não é adequada.
- Quando vão perguntar aos pais ou responsáveis muitos não gostam de falar sobre o assunto.

Assim, o presente trabalho teve como objetivos saber quais são as fontes de orientação sexual dos adolescentes participantes da pesquisa.

METODOLOGIA

De início o estudo foi amparado pela realização de pesquisas bibliográficas, com o intuito de reunir informações sobre orientação sexual para adolescentes. Assim, esta pesquisa tem caráter exploratório – descritiva, com característica qualitativa. (LAKATOS; MARCONI, 1991).

Foram avaliados o conhecimento dos adolescentes de 12 a 17 anos do ensino médio de escolas públicas e privadas do município de Cambará – PR. Os entrevistados foram selecionados de forma aleatória, num total de 10 participantes por faixa etária sendo 5 de cada sexo, pertencentes ao ensino público e privado, perfazendo um total de 140 participantes. Os dados foram coletados através de entrevista estruturada. Os responsáveis pelos participantes assinaram termo de Consentimento Livre Esclarecido, (APÊNDICE II) de acordo com a exigência do CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisas) 196/96. O período de coleta se deu em setembro de 2010. Além disso, realizou-se pesquisa e fichamento bibliográfico para fundamentação científica deste estudo. Esta se deu em forma de questionário elaborado pela autora (APÊNDICE I), desta pesquisa e validada por três profissionais da área da saúde (ANEXO A, B e C). A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética do Hospital Regional de Assis com o parecer nº451/2010.

RESULTADOS

O resultado da pesquisa se deu através das respostas dos participantes da pesquisa, onde a faixa etária nas escolas particulares ficou entre 12 a 17 anos e nas escolas estaduais de 12 a 17 anos. Segundo a proposta do estudo os participantes poderiam ser de ambos os sexos e deveriam ser adolescentes. Os gráficos a seguir

demonstram os resultados da pesquisa, em forma comparativa entre as escolas particulares e as escolas estaduais:

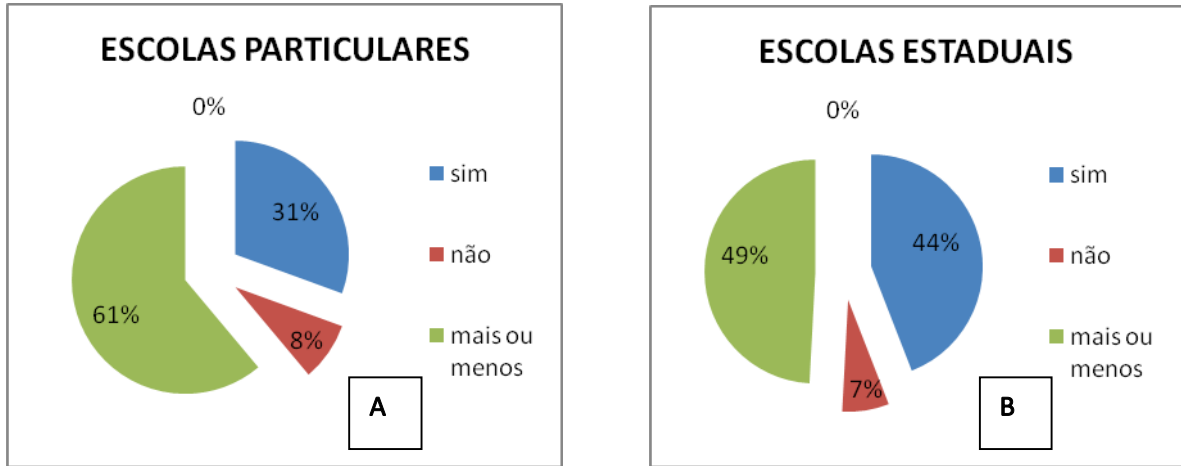


Figura 1. Proporção dos padrões de respostas referentes à questão: Você gosta de falar sobre o assunto "sexo"? (1A) Escolas Particulares; (1B) Escolas Estaduais.

Comparando os gráficos A e B, percebe-se que nas escolas particulares e nas escolas estaduais, a maioria dos entrevistados respondeu que gostam "mais ou menos" do assunto sexo. O "sim" ficou em segundo lugar na preferência e o "não", em último lugar em ambas as escolas.

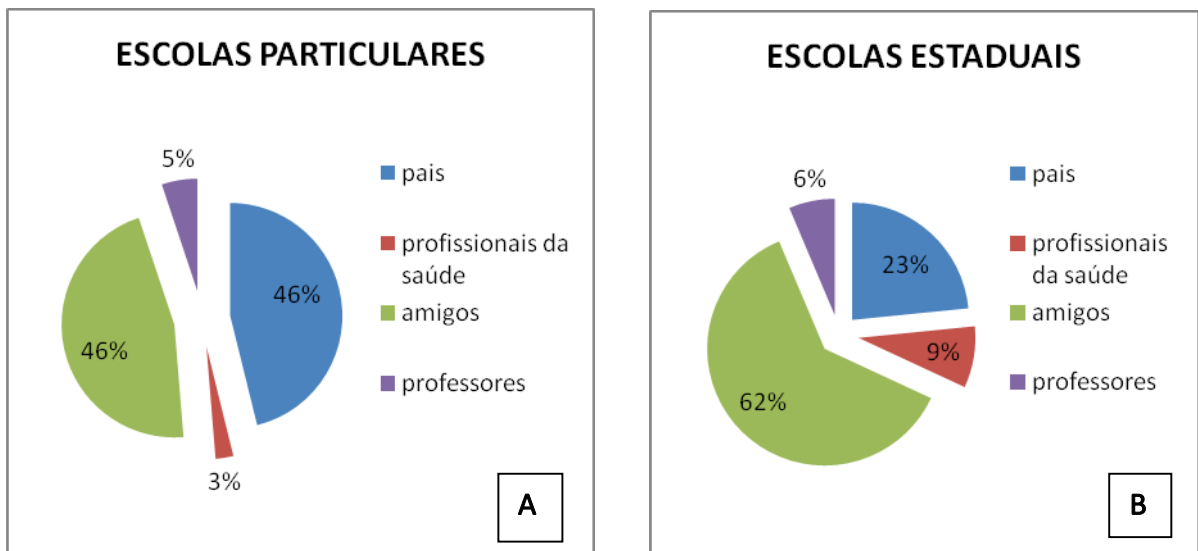


Figura 2. Proporção dos padrões de respostas referentes à questão: Conversa sobre este assunto com: (2A) Escolas Particulares; (2B) Escolas Estaduais.

Quando perguntado aos participantes com quem conversa sobre este assunto, nas escolas particulares houve empate de 46% nos quesitos amigos e pais.

Já nas escolas estaduais, a maioria disse preferir conversar com os amigos, deixando em segundo lugar a preferência pelos pais.

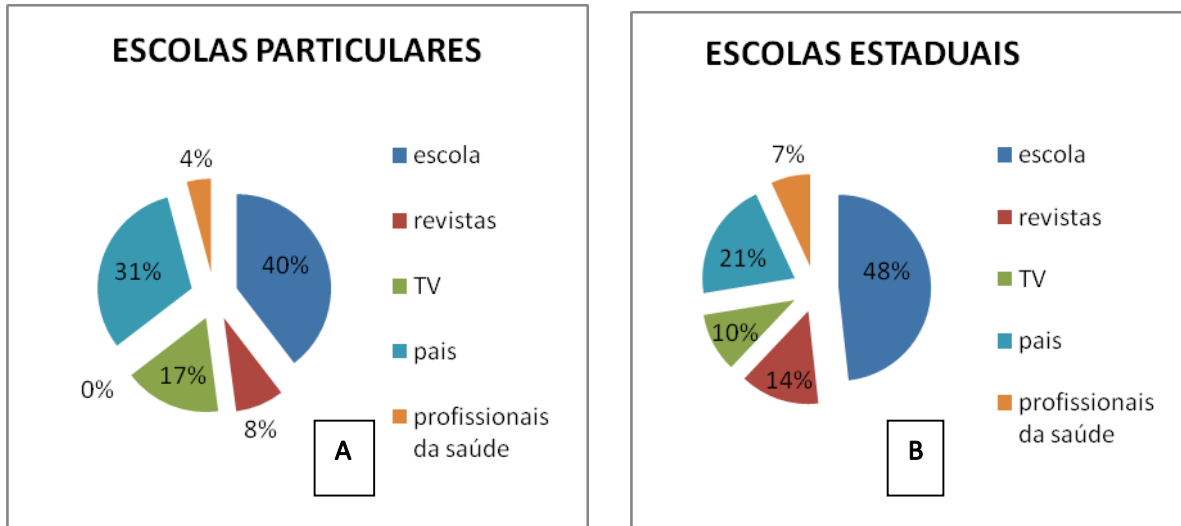


Figura 3. Proporção dos padrões de respostas referentes à questão: Onde você recebe mais informação sobre sexo: (3A) Escolas Particulares; (3B) Escolas Estaduais.

Quanto à preferência da fonte de informações, tanto nas escolas particulares quanto nas escolas estaduais, os entrevistados responderam a escola em primeiro lugar e os pais em segundo.

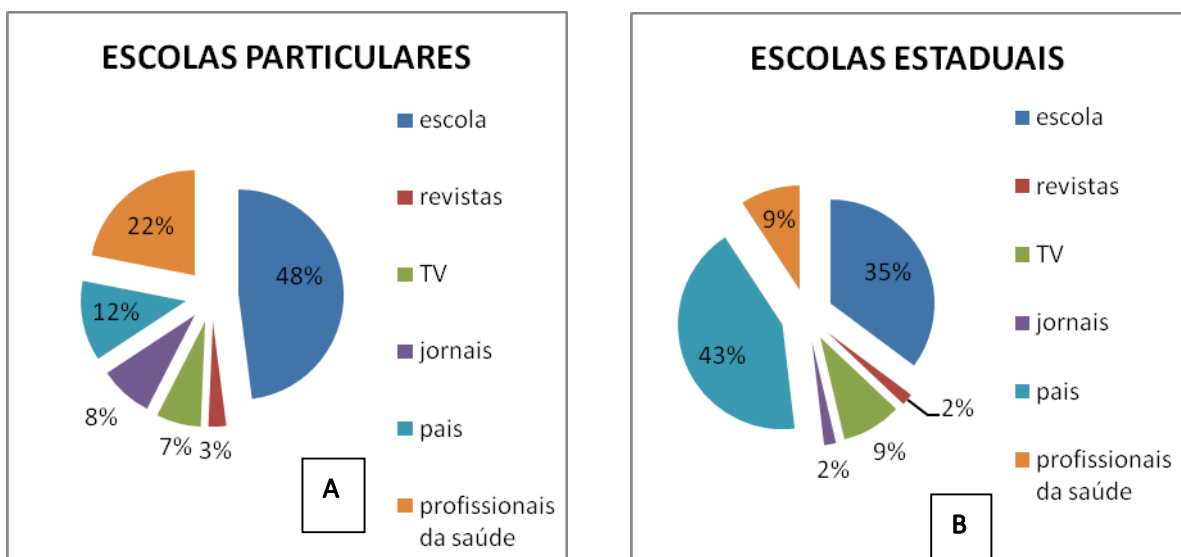


Figura 4. Proporção dos padrões de respostas referentes à questão: Para você qual é a fonte que você gostaria de receber informações sobre sexo? (4A) Escolas Particulares; (4B) Escolas Estaduais.

Em relação a qual fonte que os participantes gostariam de receber informações sobre sexo, nas escolas particulares, a maioria respondeu ser da escola em primeiro lugar e dos pais em segundo lugar. Já nas escolas estaduais, houve uma inversão, a escolha por receber informações deixou os pais em primeiro lugar e a escola em segundo lugar.

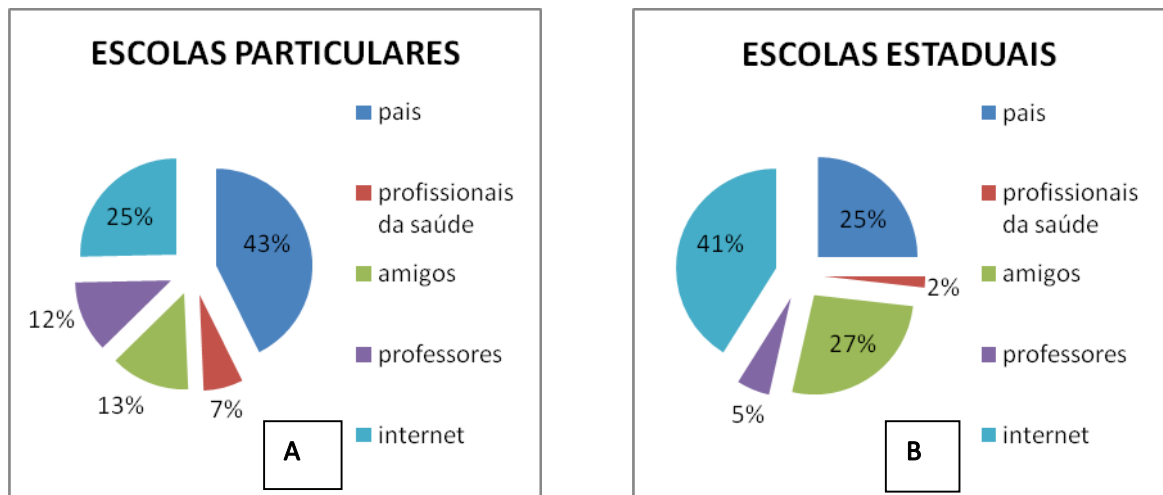


Figura 5. Proporção dos padrões de respostas referentes à questão: Com quem você tira suas dúvidas sobre sexo? (5A) Escolas Particulares; (5B) Escolas Estaduais.

Quando perguntado sobre com quem você tira suas dúvidas sobre sexo, nas escolas particulares a maioria respondeu tirar suas dúvidas com os pais e depois com a Internet, o que se inverteu nas escolas estaduais onde a preferência foi primeiro pela Internet e depois pais.

DISCUSSÃO

De acordo com a Fundação Roberto Marinho, (2001, p.81), o adolescente quando inicia a vida sexual sente mudanças consideráveis. “Por um lado eles se sentem integrados ao mundo dos adultos, prontos para usufruir seus prazeres e sua liberdade, mas, por outro, a prática sexual exige bastante maturidade e responsabilidade do adolescente”.

Coloca Costa (1986, p. 48) que o adolescente “detém alguns conhecimentos a respeito do ser humano por isso começa a se interessar mais pelo mundo adulto” e que esse conhecimento traz expectativas e curiosidades em relação a si mesmo e ao outro. O adolescente entende que está sofrendo transformações, mas se sente confuso diante desse processo até então desconhecido para ele, e a família precisa

estar atenta para essa fase ser bem estruturada, juntando esforços com a escola para “constituir o aluno como pessoa”.

Já para Fagundes (1995) o adolescente que não tem desde cedo os devidos esclarecimentos sobre os assuntos que se referem ao sexo, não consegue dividir suas ansiedades e medos com seus pais e que se não tiverem o apoio dos mesmos nas suas descobertas, irão buscar outras fontes de conhecimento, como revistas e conversas com amigos, o que ocasiona um adolescente carregado de dúvidas, de complexos, culpas e preconceitos quando adulto, pois conforme afirma ainda o autor, é preciso à sexualidade infantil ter suas bases estabelecidas para a adolescência e, por conseguinte para a idade adulta.

De acordo com Osório (1992, p. 20), “esta é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere nesse processo, sobretudo como um elemento estruturador da identidade do adolescente”.

Como informar aos jovens, adolescentes sobre a sexualidade é um questionamento muito polêmico. Existem os pais, como responsáveis diretos, mas muitas vezes se autodenominam incapazes de travarem esse diálogo e de outro lado, as escolas, com profissionais que se sentem assustados com um compromisso tão especial.

Para Souza (1991, p.18) Educação Sexual é “Oferecer condições para que um ser assuma seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livre de medo e culpa, preconceito, vergonha, bloqueios”. Fala o autor de respeito pela sexualidade do outro, pelo ato de viver sadicamente a vida com responsabilidade pelos atos praticados, ter o direito de sentir prazer, emoção, poder chorar e rir, como sendo crescimento interior e exterior. “É ter direito a esse crescimento com confiança, graças às respostas obtidas aos seus questionamentos, podendo criticar, transformar valores, participar de tudo de forma sadia e positiva, sempre buscando melhores relacionamentos humanos”.

Segundo Suplicy (1998, p.8), “O trabalho de educação sexual dentro de um processo educativo e ético pode ser exercido, desde que educador e educando pensem e escolham livremente como sujeito da própria ação”.

É importante considerar então que, uma vez existindo a curiosidade do adolescente a respeito da sexualidade, é preciso ofertar um espaço para que estas questões tão significativas para ele sejam respondidas, pois a satisfação dessas curiosidades serão trampolins que impulsionarão o desejo de saber pelo resto da

vida, enquanto se não forem solucionadas essas questões de forma satisfatória, será automaticamente gerada a ansiedade e a tensão (BRASIL/PCN, 1997).

Essa interação entre orientador e aprendiz é uma proposta de se fornecer informações sobre sexualidade, cumprindo um papel de relevante importância, abrindo possibilidades de que se estabeleça na vida do adolescente, coerência e transparência nas questões de relacionamentos e comportamentos sexuais.

E dentro desse contexto de uma complexidade considerável, é importante que se situe o profissional de enfermagem que tem papel fundamental na educação para a saúde, pois é um membro da equipe de saúde e, portanto pode colaborar nesse sentido de orientação sexual.

A partir da década de 1970 começaram a surgir as primeiras ações planejadas pela enfermagem voltadas a adolescentes e assim, a enfermagem vem atuando neste campo, através de práticas assistenciais. Após a criação da Portaria nº 1.721 de 12/12/1994 - Ministério da Educação e Cultura (MEC) o ensino de enfermagem sofreu inovações, onde foi inserido como investimento na formação do enfermeiro, o atendimento e educação do adolescente, proposta esta que consiste na inserção da interdisciplinaridade atendendo a anseios políticos adotados pelo Ministério da Saúde por meio de ações programáticas que priorizam a atenção básica (RAMOS, 2001).

O enfermeiro é um profissional que tem oportunidade de se deparar com os grupos mais variados de pessoas - crianças, adolescentes, adultos e idosos, em situações diversas de saúde ou doença, em nível da comunidade, ambulatorial ou hospitalar. Independente de sexo, cor, raça e nível sócio-econômico e cultural, o indivíduo deve ser visto como um todo (GIR, 2002).

Os profissionais da enfermagem podem atuar e desenvolver ações educativas em saúde, onde quer que estejam, pode ser na escola, nos hospitais ou unidades básicas de saúde, num processo dinâmico e contínuo para colaborar com este grupo etário no intuito de diminuir riscos, pois o adolescente sabe como ocorre a gravidez, como adquirem as doenças sexualmente transmissíveis, mas o cerne da questão é como transformar estas informações em conhecimento, então vem a necessidade de um profissional de saúde, estar inserido nas salas de aula para a conscientização desses adolescentes, mas para isso, eles devem estar preparados, conhecer a realidade anterior desse adolescente, os caminhos que já foram trilhados pela

família, pela escola, para abordar esta clientela e os temas referentes à sexualidade humana e a fase da adolescência. (JESUS, 2000).

CONCLUSÃO

Neste estudo, percebeu-se a importância de se considerar a atuação de um profissional de saúde para passar orientar sexualmente os alunos e os benefícios que a orientação adequada podem proporcionar, evitando prejuízos e danos maiores para o futuro do adolescente, pois o conhecimento a ele dispensado de forma segura e eficaz é um investimento aplicado de maneira focada, que vai direto ao problema.

Considera-se ainda a importância da atuação dos pais neste sentido, uma vez que se assim não se sucede no cotidiano familiar, as informações externas e aleatórias podem não sanar todas as suas dúvidas e, conseqüentemente, pela falta devida de informação acontecer uma gravidez indesejada ou uma doença sexualmente transmissível.

O estudo feito permite observar que o adolescente, depende do amparo do conhecimento focado em suas curiosidades e necessidades de orientação sexual pois desse adolescente ainda ter muita dificuldade de obter informação da forma apropriada.

Segundo o estudo a fonte mais pesquisada pelos adolescentes foram os pais, os amigos e a internet, assim é importante que se invista mais em profissionais da saúde pois esses profissionais estão estruturadamente mas preparados para esclarecer dúvidas e para que possam passar as informações sobre sexualidade nas escolas incluindo os pais.

REFERÊNCIAS

BRASIL/PCN. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**/Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1997. 164 p.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. 8. ed. São Paulo: L & PM Editores, 1986. 176 p.

FAGUNDES, T. C. P. **Educação sexual, construindo uma nova realidade**. Salvador: Instituto de Biologia da UFBA, 1995. 100 p.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. SCHERING. **Sexualidade: prazer em conhecer**. Rio de Janeiro: Fofolito AP Editora, 2001. 232 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 200 p.

GIR, Elucir; NOGUEIRA, Maria Suely; PELA, Nilza Tereza Rotter. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, Apr. 2000. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692000000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Apr. 2010. doi: 10.1590/S0104-11692000000200006.

JESUS, M. C. P. **Educação Sexual e Compreensão da Sexualidade na perspectiva da Enfermagem. Experenciando a educação sexual junto a adolescente e seus familiares**. IN: RAMOS. F.R.S.; MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R.G. Projeto Acolher: Um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000. 46 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991. 320 p.

OSÓRIO, L.C. **Adolescente hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 104 p.

RAMOS, F. R. S. **Bases para uma Re – Significação do Trabalho de Enfermagem Junto ao Adolescente**. IN: *Adolescer: Compreender, Atuar, Acolher*. Projeto Acolher/ Associação Brasileira de Enfermagem. Brasília: ABEn, 2001. 304 p.

SOUZA, H.P. **Convivendo com seu sexo: pais e professores**. Ed. Paulinas: São Paulo, 1991. 104 p.

SUPLICY, M. **Sexo para Adolescentes: amor, puberdade, masturbação, homossexualidade, anticoncepção, DST/AIDS, drogas**. Ed. Atualizada. - São Paulo: FTD, 1998. 160 p.